



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Everardo Paiva de Andrade</i>	
Educação / Didática	
EXPECTATIVAS E CONCEPÇÕES DISCENTES: UMA REFLEXÃO SOBRE A DISCIPLINA DE DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS DA UFF.....	15
<i>Tânia Mara Pedroso Müller, Lisete Jaehn</i>	
Educação / Pedagogia	
REFLEXÕES EM TORNO DO SENTIDO DA DOCÊNCIA FRENTE À DIVERSIDADE NA ESCOLA PÚBLICA DO SÉCULO XXI	39
<i>Maria Goretti Andrade Rodrigues</i>	
Educação / Políticas	
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NAS LICENCIATURAS: ESPECIFICIDADES, LACUNAS E DESAFIOS.....	61
<i>Jaqueline Ventura, Maria Inês do Rego Monteiro Bomfim</i>	

Educação / Saúde	
O CURRÍCULO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFF NA PERSPECTIVA DOS COMPONENTES “ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL” E “PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO I E II”.....	77
<i>Fernando Otavio Albuquerque dos Santos, José Luiz Cordeiro Antunes, Raphael Monteiro de Oliveira e Gabriela Velozo Gomes dos Santos</i>	

Educação Física	
PRINCÍPIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	111
<i>Dinah Terra, Martha Lenora Copolillo, Neyse Muniz, Rosa Malena Carvalho e Sérgio Aboud</i>	

Física	
HISTÓRIAS DE UMA FORMADORA SOBRE A LICENCIATURA EM FÍSICA DA UFF	131
<i>Isa Costa</i>	

Geografia	
SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS NOSSOS TEMPOS.....	149
<i>Jailson de Souza e Silva</i>	

História & Ciências Biológicas	
FORMANDO PROFESSORES EM HISTÓRIA E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO COMO OBJETO COMPLEXO.....	165
<i>Everardo Paiva de Andrade e Sandra Escovedo Selles</i>	

Letras / Linguagem	
A FORMAÇÃO DO EDUCADOR LINGÜÍSTICO COM BASE NA ELABORAÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	179
<i>Ricardo Luiz Teixeira de Almeida</i>	

Letras / Literatura
“POR UM BRASIL LITERÁRIO”
LENDO LITERATURA NA BIBLIOTECA DO COLÉGIO
UNIVERSITÁRIO GERALDO REIS, DA UNIVERSIDADE
FEDERAL FLUMINENSE.....197

Nilma Lacerda

Matemática
CONHECER, INOVAR E EXPERIMENTAR: DESAFIOS DA
PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO DE MATEMÁTICA209

Maria Antonieta Pirrone

Matemática
A IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO INFES – UFF 227

Fabiano dos Santos Souza, Vinicius Mendes Couto Pereira, Pablo Silva e

Machado Bispo dos Santos

SOBRE OS AUTORES 239



APRESENTAÇÃO

*... a necessidade de transformar o escorrer da própria
existência numa série de objetos salvos da dispersão
ou numa série de linhas escritas...*

(Ítalo Calvino. Coleção de areia, p. 13)

Os doze textos e vinte e quatro autores aqui reunidos refletem uma parte da riqueza e da diversidade de experiências formativas vigentes nas licenciaturas da Universidade Federal Fluminense – UFF, como também da heterogeneidade dos modos de fazer, das concepções e dos referenciais teóricos com que trabalham, no dia-a-dia, seus formadores. Constituem-se precisamente na tensão entre o respeito por aquilo que representa cada um deles, como elemento comum da formação – todos são componentes da dimensão pedagógica dos cursos de licenciatura, quase todos oferecidos pela Faculdade de Educação – e aquilo que expressam de particular e irreduzível – o vínculo indissolúvel com tradições teórico-práticas relativas a suas respectivas áreas de conhecimento.

Em sua quase totalidade, os trabalhos foram produzidos para a presente publicação, não fosse essa condição, ela mesma, parte

das exigências de produção a que são submetidos os docentes, cujo compromisso sócio-institucional com o ensino, a pesquisa e a extensão passa por frequentes e sistemáticos processos, tanto internos quanto externos, de avaliação, muitas vezes de caráter meramente quantitativo. Particularmente relevante, no entanto, é o fato de que sejam produzidos no contexto atual, em um duplo sentido. Primeiro porque os professores encontram-se levantados, uma vez mais, em face de sua histórica exclusão profissional, como diria Nóvoa (1995). Segundo, porque se acha em constituição uma política pública, sistemicamente articulada, de formação inicial e continuada de professores.

De fato, a partir do Decreto PR nº 6.755, de janeiro de 2009, que institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, criando os Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente, responsáveis pela elaboração dos planos estratégicos estaduais, a formação inicial e continuada de professores passa a ser tratada no âmbito do Plano e da Rede Nacional de formação, conduzida estrategicamente, em escala nacional, por um Comitê Gestor e, a nível mais imediato, no interior das instituições formadoras, pelo Comitê Gestor Institucional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. É neste marco institucional-legal que adquire sentido programas tais como o PRODOCÊNCIA, o PIBID, o PARFOR e o PROEB.¹

¹ Trata-se de um conjunto de programas e planos instituídos no âmbito da política nacional de formação inicial e continuada de profissionais do magistério da educação básica pública, em articulação com as instituições de ensino superior, incluindo objetivos expressos de valorizar a docência, qualificar a formação e melhorar a qualidade geral da educação. As siglas referem-se, respectivamente, ao Programa de Consolidação das Licenciaturas – PRODOCÊNCIA, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR e Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública da Educação Básica – PROEB.

Paralelamente a isto, adquire centralidade a ideia de que a formação é tarefa a ser compartilhada pela Universidade e pela Escola. Note-se que a articulação entre universidade e escola, compartilhando o esforço de formação profissional de professores ou, de um modo mais geral, dos profissionais da educação, não significa o apagamento das diferenças e particularidades dessas duas instituições, eventualmente reduzindo uma à outra; antes, pelo contrário, significa mútua fecundação a partir das missões peculiares a cada uma. No bojo da crítica ao que se convencionou chamar de modelo da racionalidade técnica para a formação de professores, a literatura tem consagrado a importância crítica da escola para a formação, sob o ponto de vista de que a escola é um espaço social de produção e transmissão de saberes próprios, mais do que meramente de aplicação de saberes prontos, estabelecidos externamente.

O projeto de formação de professores da UFF oferece, em toda a universidade, cerca de vinte cursos de licenciatura. Tradições internas têm feito com que seus próprios sujeitos, em especial os estudantes, geralmente identifiquem a licenciatura como seu núcleo de formação pedagógica, apenas, constituído por quatro disciplinas obrigatórias, mais o estágio supervisionado, formatado, a partir da reforma curricular da virada deste século, nos componentes curriculares de Pesquisa e Prática de Ensino. A despeito do fato de que as PPEs estejam colocadas no lugar do estágio de formação docente, no currículo das licenciaturas, a regra geral parece ser de que três quintos de seu tempo total sejam tratados como disciplina e apenas dois quintos como estágio escolar, de fato, envolvendo imersão nos espaços da escola.

Não obstante, se a UFF tem, efetivamente, um modelo próprio de formação de professores, é possível que ele esteja menos no desenho curricular de seus componentes do que no modo como diferentes sujeitos – licenciandos, professores das áreas específicas do conhecimento, professores das disciplinas

pedagógicas e das PPEs – constroem essa experiência. Sobre isso, há muito mais a dizer, articulando experiências com as políticas públicas de formação de professores ou apreciando a realidade da pretensa valorização das licenciaturas no âmbito dessas políticas; explicitando a forma como nos relacionamos com os programas institucionais e as agências de fomento, narrando a orientação de projetos de ensino, pesquisa e extensão ou, enfim, experimentando o cotidiano do currículo nas salas de aula. O objetivo desta publicação consiste, pois, na tentativa de expressar, por escrito, essa experiência de formador, compondo um breve painel das licenciaturas da UFF, a partir do ponto de vista particular do formador.

Mas, existirá, de fato, um projeto de formação inicial de professores da UFF? Parece evidente que existe um conjunto determinado de orientações institucionais, delineando por fora a arquitetura mesma dessa formação: ele está presente, por exemplo, no texto da Resolução nº 50/2004, do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade, que estabelece a “base comum” para seus cursos de licenciatura. Mais do que isso, no entanto, os trabalhos aqui reunidos permitem vislumbrar, talvez, em meio à particularidade das áreas de conhecimento que estão na base dos saberes e do trabalho docente, transversalidades, aspectos complementares, dispositivos, categorias e objetivos razoavelmente explícitos num horizonte comum de possibilidades. Compreendê-los e a partir deles fazer frente à histórica fragmentação das experiências formativas e à ausência de pactos minimamente construídos, consiste em buscar saber, como diria o poeta, “em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios”.

Nesse sentido, não poderia finalizar esta Apresentação sem dirigir uma palavra aos formadores – professores e pesquisadores das licenciaturas da UFF – que responderam ao desafio de pensar suas práticas, dispondo-se, na verdade, a uma suspensão momentânea de suas tantas atividades cotidianas para estarem aqui.

Ainda que a reflexão que realizam não deixe de ser parte mesma dessas atividades, não há facilidade alguma no trabalho que oferecem ao leitor: não se trata, obviamente, de recolher o reflexo cristalino do que fazem no lago tranqüilo do trabalho de cada dia. Nem os textos nasceram prontos, nem há nada de tranqüilizador no desafio de formar futuros professores, num tempo em que os saberes da docência e os compromissos do magistério costumam ser, deliberadamente ou não, embaralhados com certezas do senso comum. Se os enfoques, como as abordagens, são múltiplos, se as linguagens e os estilos da escrita são diversos, isso em parte pode ser atribuído, sem dúvida, às diferentes origens e trajetórias acadêmicas desses formadores. Mas, por outro lado, nessa diversidade, há também muito dos embates e das incertezas de quem, imerso no cotidiano das práticas formadoras, assume a delicadeza e o risco de ser quem é.

Faz lembrar o viajante veneziano, Marco Pólo, que interpelado pelo Grande Khan sobre a direção do futuro, sugere que as opções pertinentes ou adequadas, na verdade, já estão aqui, entre nós. E completa:

Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (Calvino, 1990: 150).

Por isso mesmo, pelo calor da hora que exala de cada um desses textos, mais do que agradecer, simplesmente, aos seus autores, importa reconhecer a coragem com que procuram identificar o que não é inferno, e preservar, e abrir espaço...

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. Coleção de areia. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2010.

NÓVOA, António (Org.). Profissão professor. 2ª ed., Porto – PORT: Porto Ed., 1995.